

O NEGACIONISMO NÃO É UMA FORMA DE CETICISMO

Italo Lins Lemos¹

Renato Cesar Cani²

RESUMO: O nosso objetivo, neste artigo, é argumentar que o negacionismo não é uma forma de ceticismo. Enquanto o cético concede o seu assentimento às proposições que possuem evidências contundentes e suspende o seu juízo a respeito das proposições obscuras, o negacionista, segundo Lawrence Torcello (2016), rejeita um consenso científico por motivos que são independentes da pesquisa e do progresso das ciências. Além disso, o negacionista, mais do que negar uma tese bem estabelecida pela comunidade especializada, e longe de suspender o juízo acerca de proposições obscuras, sustenta categoricamente teses equivocadas que dizem respeito, por exemplo, ao formato plano (ao invés de geoidal) do planeta que habitamos. Em suma, argumentamos que os negacionismos, ao invés de corresponderem a formas de ceticismo, consistem em dogmatismos conspiratórios.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo. Ceticismo. Epistemologia. Filosofia da Ciência.

ABSTRACT: Our aim in this paper is to argue that denialism is not a form of skepticism. While the skeptic assents to propositions that are supported by overwhelming evidence and suspends his judgment regarding obscure propositions, the denialist, according to Lawrence Torcello (2016), rejects a scientific consensus for reasons that are independent of scientific research and progress. Furthermore, the denialist, more than denying a well-established thesis put forward by the specialized community, and far from suspending his judgment regarding obscure propositions, categorically defends mistaken theses concerning, for example, the flat (rather than geoidal) shape of the planet we inhabit. In short, we will argue that denialisms, instead of corresponding to forms of skepticism, consist in conspiratorial dogmatism.

¹ Professor Adjunto do curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: 0000-0003-2402-9820. E-mail: italolinslemos@hotmail.com

² Professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: 0000-0002-1460-8450. E-mail: renatocani@gmail.com



KEYWORDS: Denialism. Skepticism. Epistemology. Philosophy of Science.

I

A pandemia de Covid-19 nos deixou mais atentos às variadas formas de negacionismo. No decorrer dos anos de 2020 e 2021, enquanto as comunidades de cientistas estabeleciam a sintomatologia da Covid e desenvolviam as vacinas que amenizariam os casos graves da doença, fomos bombardeados por informações falsas sobre a natureza e extensão da pandemia. Ouvimos, principalmente nas redes sociais, embora também em algumas emissoras de televisão que carecem de um senso de responsabilidade social, que as vacinas para a Covid-19 eram perigosas porque ainda estavam em fase experimental. De fato, os cientistas desenvolveram as vacinas em tempo recorde, mas esta circunstância mostra o sucesso da empreitada científica quando diversas comunidades (como universidades e laboratórios) canalizam os seus esforços e orçamentos em prol de um interesse comum³.

Não obstante, mais do que assumir que seríamos testados como camundongos em circunstâncias nas quais mutações genéticas dignas de obras de ficção científica poderiam se suceder, houve quem defendesse que as vacinas continham *chips* destinados a controlar as nossas mentes, além de outras teorias da conspiração que escapam ao bom senso e não contam com o alto padrão de rigor que é característico de uma investigação científica⁴.

Além de duvidar da eficácia e da segurança das vacinas — o que até poderia ser um sinal de prudência, se colocado em suspeição pelas comunidades responsáveis pela investigação —, as críticas à ciência normal que tentava amenizar os efeitos catastróficos da pandemia eram acompanhadas por soluções miraculosas, como a recomendação de medicamentos que compunham o ‘kit-covid’, a exemplo da azitromicina, ivermectina, cloroquina, hidroxiclороquina e outras drogas cuja eficácia no tratamento de uma série de doenças estava comprovada, embora nenhuma delas fosse a Covid-19.

³ Ademais, as pesquisas sobre a vacina para a Covid-19 não partiram da estaca zero, mas, como consta no relatório do Instituto Butantan, levaram em consideração estudos realizados desde 2003 (Butantan, 2022).

⁴ Salientamos que não defendemos uma postura iluminista sobre o alcance das ciências. As ciências são falíveis porque são conduzidas por seres falíveis. Mas não há razão para adotarmos uma perspectiva relativista. Os avanços das ciências são inegáveis e mostram que, mesmo quando elas falham ou não conseguimos explicar os aparatos tecnológicos que nos circundam, elas não são um conjunto de palpites formulados acriticamente.



Seguindo o exemplo acima, notamos que o *modus operandi* negacionista tem uma estrutura e, portanto, alguma previsibilidade. Primeiramente, nega-se o sucesso de alguma tese científica. Em seguida, provavelmente porque a mente humana tem horror ao vácuo, surgem teses que solucionariam uma questão cientificamente relevante. Os defensores do movimento antivacinação, por exemplo, não só duvidam da eficácia e da segurança das vacinas para a Covid-19, mas apresentam medicamentos e procedimentos que carecem de comprovação para o tratamento da doença. Os terraplanistas não se limitam a suspeitar das teses astronômicas que mostram que o formato do nosso planeta é geoidal, mas sustentam que a Terra é plana. Os negacionistas climáticos, por sua vez, não se satisfazem em questionar a confiabilidade dos métodos que empregamos para estabelecer que, em função da atividade humana, a temperatura média do planeta está aumentando, mas afirmam que a Terra se encontra em processo de resfriamento. Os negacionistas históricos, como aqueles que negam a ocorrência de uma ditadura militar no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, dizem que não houve uma ditadura, muito menos um golpe, mas uma revolução. Portanto, a faceta da negação é somente a metade do processo negacionista. A outra metade diz respeito a afirmações, e são elas — ao invés das negações — que caracterizam o tipo de negacionismo que temos diante de nós.

Apesar de usarmos a alcunha “negacionista” para indicar que alguém carece de credibilidade, não é incomum ouvirmos que o negacionismo é uma forma de ceticismo. Ailton Krenak, importante filósofo e liderança indígena, afirmou em *A vida não é útil*:

Mas, nos últimos cinco, seis anos, com o agravamento da crise climática, com o planeta fervendo, *esses negacionistas começaram a declinar de sua posição cética e querer entender a teoria de Gaia. Deixo isso para os incrédulos*” (Krenak, 2020, p. 19-20, grifos nossos).

Michael Shermer, um famoso divulgador científico estadunidense, disse:

Os criacionistas são céticos em relação à teoria da evolução. Os ‘revisonistas’ do Holocausto são céticos em relação à historiografia tradicional do holocausto. Eu sou cético em relação a esses céticos (Shermer, 2011, p. 17).

Keith Kahn-Harris, em uma coluna no jornal britânico *The Guardian*, defendeu:



Há múltiplos tipos de negacionistas: desde aqueles que são céticos quanto a todo conhecimento estabelecido até aqueles que desafiam um tipo de conhecimento; [...] há aqueles que queimam com a certeza, assim como aqueles que são privadamente céticos sobre o seu ceticismo (Kahn-Harris, 2018, tradução nossa).

Seja por descuido conceitual ou por uma concessão caridosa, a equiparação entre negacionismo e ceticismo é um engano. O engano se dá não somente em um sentido conceitual, na medida em que a extensão do conceito de negacionismo não inclui a atitude cética; mas, especialmente, porque um ceticismo moderado, em oposição ao radicalismo do negacionismo, pode ser considerado uma virtude intelectual. Consideramos o cético virtuoso porque, no que diz respeito às nossas práticas cotidianas, associamos a sua imagem ao senso crítico e à dúvida, ou seja, a alguém prudente que, em função de sua prudência, não assente à verdade ou à falsidade de uma proposição sem que haja excelentes razões para aceitá-la. Teríamos, então, o seguinte argumento dedutivo válido: o negacionista é cético; o cético é virtuoso; portanto, o negacionista é virtuoso. Se o argumento é válido, mas a sua conclusão é falsa, então ao menos uma de suas premissas é falsa. Aceitamos a premissa que estabelece que o cético é virtuoso. Consequentemente, a premissa falsa é aquela que afirma que o negacionista é cético.

O nosso objetivo neste artigo é argumentar que o negacionismo (em suas variadas formulações, mas, em especial, o negacionismo científico) não é uma forma de ceticismo⁵. Mais do que isso, defenderemos que o negacionismo é o inverso do ceticismo, ou seja, uma forma de dogmatismo⁶. Temos duas razões para sustentar essa tese: na face da negação, o negacionista se mostra alheio aos métodos e aos resultados preconizados pelas ciências e, por vias estritamente ideológicas, desemboca em teorias da conspiração. Portanto, ele carece de

⁵ Não estamos buscando as razões que levam um sujeito a se tornar um negacionista (se por ignorância ou pela ausência de um mundo compartilhado), nem mesmo os seus objetivos (se para obtenção de lucro, por alguma pulsão de morte ou para evitar encarar a dureza da realidade), o porquê de essa perspectiva se disseminar com facilidade (se porque as pessoas estão amedrontadas ou buscam pertencer a um grupo específico) ou quais seriam as consequências danosas para a sociedade (como o descrédito das ciências naturais, o enfraquecimento da democracia, ou a morte na pandemia). Para tais questões, recomendamos o artigo de Ana Paula Morel (2021).

⁶ Embora a articulação do argumento seja original, a tese que analisaremos não é nova, pois Lawrence Torcello (2016) e Philip Schmid & Cornelia Betsch (2019) a defenderam anteriormente. No entanto, com exceção dos trabalhos de Déborah Danowski (2020), Ana Paula Morel (2021) e Ernesto Perini-Santos (2022), ainda temos poucos textos sobre o tema em língua portuguesa, o que mostra a importância de conduzirmos a atual pesquisa.



boas razões para suspeitar de uma teoria científica que se encontra consolidada na comunidade relevante. Já na face da afirmação, para além da ausência de evidências contundentes que dão suporte a uma tese negacionista, temos uma inconsistência entre a extensão dos conceitos, pois a suspensão do juízo quando nos encontramos em um impasse é uma das características do ceticismo.

II

Começamos pela caracterização do negacionismo. O negacionista, apesar do sentido literal do termo, não é simplesmente um indivíduo que nega uma tese, qualquer que ela seja. Por exemplo, podemos negar as teses de que a Terra seja plana, ou de que as vacinas causam autismo, sem sermos negacionistas. De acordo com Lawrence Torcello,

o negacionismo científico ocorre quando a ciência estabelecida é rejeitada *por motivos que são independentes da pesquisa e do progresso das ciências* (Torcello, 2016, p. 20, tradução nossa, grifos nossos).

Já os irmãos Hoofnagle, como relatam Pascal Diethelm e Martin McKee, caracterizaram o negacionismo como

o emprego de argumentos retóricos que dão a aparência de um debate legítimo *onde não há sequer um debate*; uma abordagem que tem como fim último a rejeição de uma proposição que pertence a um consenso científico (Diethelm & McKee, 2009, p. 2, tradução nossa, grifos nossos).

Em outras palavras, os negacionistas negam um consenso estabelecido por especialistas, mas sem que haja um debate legítimo e por motivos que são alheios à própria pesquisa científica.

As ciências se transformam constantemente, seja porque uma tese na qual acreditávamos é refutada (em função de procedimentos que são conduzidos com novos instrumentos de análise ou por uma reflexão cada vez mais aguçada), seja por conta de uma mudança dos procedimentos, instrumentos, valores e problemas que norteiam a pesquisa. Essas transformações correspondem ao que Thomas Kuhn (1998) denominou “revoluções científicas”. Porém, essas mudanças ocorrem internamente à comunidade científica, pois são



os indivíduos que pertencem à comunidade que conhecem os procedimentos da ciência normal que vem sendo conduzida.

Essa é a razão pela qual Nicolau Copérnico, ao escrever e publicar o *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (1543), obra em que rejeita o consenso do sistema geocêntrico estabelecido por Claudius Ptolomeu (que defendia a tese de que o sol orbitava em torno do nosso planeta) e apresenta o sistema heliocêntrico (que consiste na tese de que o nosso planeta orbita em torno do sol), não pode ser considerado um negacionista. Nem mesmo Einstein ao derrubar o paradigma da mecânica Newtoniana, nem qualquer outro cientista responsável por uma descoberta revolucionária para a sua comunidade. Esses cientistas não são negacionistas, mesmo que tivessem falhado em suas tentativas, pois rejeitaram o paradigma anterior *em função direta da pesquisa e do progresso das ciências*.

Considerando que a negação da ciência, pelo negacionista, não encontra fundamento em aspectos ligados à investigação científica, resta-nos identificar quais seriam os elementos caracterizadores das posturas negacionistas. De acordo com Torcello (2016, p. 21), há dois conjuntos de fatores que influenciam a negação de consensos científicos por parte dos negacionistas. O primeiro deles, segundo o autor, consiste na ignorância a respeito dos *procedimentos* adotados pela ciência. Em nossa visão, trata-se da ignorância ou de sua desconsideração, uma vez que existem casos em que sujeitos bem informados sobre o funcionamento da ciência desconsideram deliberadamente o seu modo de funcionamento em favor de teses negacionistas.

Parte da estratégia de persuasão adotada pelos defensores do terraplanismo também pode ser interpretada como exemplo desse primeiro aspecto, relativo à desconsideração dos procedimentos metodológicos da ciência. Em uma das cenas do documentário *Behind the Curve* (2018), um dos líderes do movimento terraplanista nos Estados Unidos, Mark Sargent, afirma que as evidências para o terraplanismo estariam ao alcance de qualquer sujeito que se dispusesse a olhar em direção ao horizonte e observasse prédios ou outras construções à longa distância, fato que não ocorreria, segundo ele, se a Terra não fosse plana. Em seguida, Sargent contrasta a argumentação simples dos terraplanistas com as complicadas metodologias



científicas, que envolvem o estudo de cálculos matemáticos:

A ciência não está conseguindo combater o que estamos fazendo. [...] O motivo de estarmos vencendo a batalha contra a ciência é porque só falamos de matemática. E nós dissemos: “Ei, ali é Seattle” (Behind, 2018, 5:20-5:56)⁷.

Naturalmente, o raciocínio de Sargent apresenta falhas epistêmicas e lógicas nítidas, visto que coleta evidências de forma bastante seletiva como forma de sustentar a tese terraplanista. Com efeito, a *seletividade* na escolha das evidências relevantes consiste em uma característica marcante do negacionismo científico. Ainda no documentário citado, há um grupo de engenheiros que busca realizar um experimento — baseado num equipamento que mensura a trajetória da luz que é disparada de um canhão de raio laser — para comprovar que a Terra é plana. A narrativa apresentada no documentário mostra que, quando o experimento é concluído, ele aponta para o formato curvo (geoidal) da Terra, porém o grupo de engenheiros decide ignorar o resultado e passa a trabalhar no desenho de possíveis manipulações ou reformulações do experimento, capaz de comprovar a tese terraplanista. É por conta de exemplos como esse que preferimos falar na *desconsideração* dos procedimentos científicos, mais do que na mera ignorância deles, uma vez que, nesse caso, o grupo responsável pelo experimento possui — ao menos, presumidamente — sólida formação científica, mas opta por desconsiderar o tratamento científico das evidências em prol de um olhar seletivo ou parcial.

A seletividade na escolha das evidências também caracteriza a estratégia de propaganda utilizada pela indústria do tabaco durante as décadas de 1960 e 1970. O caso, estudado amplamente por Oreskes e Conway (2010), tornou-se paradigmático dos métodos de propaganda utilizados por promotores do negacionismo científico. No livro *Merchants of Doubt [Mercadores da Dúvida]*, Oreskes e Conway (2010) apresentam o modo como, diante do crescente consenso científico a respeito da correlação causal entre tabagismo e aparecimento de câncer de pulmão e outras enfermidades, a indústria do tabaco passou a patrocinar estudos científicos com a intenção de demonstrar os supostos benefícios do tabagismo para a saúde do ser humano. Isso fez com que a sociedade se colocasse diante de

⁷ Para uma análise do documentário *Behind the Curve* e sua relação com a filosofia da ciência, recomendamos Bertotti (2020).



um cenário em que havia especialistas tanto para afirmar os danos como os benefícios do tabagismo, o que resultou na promoção de dúvida e confusão entre os cidadãos. Nesse sentido, foram adicionadas ao debate público evidências de baixa qualidade (a fim de indicar supostos benefícios do cigarro à saúde), tornando possível ao negacionista rejeitar as evidências corretas e, de forma seletiva, endossar somente as que atendem a seus interesses.

O primeiro aspecto do negacionismo, como vimos, diz respeito ao tratamento equivocado das evidências, dos dados e da metodologia científica. Tratam-se, portanto, de fatores *epistêmicos*. Entretanto, concordamos com Perini-Santos (2022) quanto à afirmação de que a caracterização do negacionismo somente do ponto de vista epistêmico é insuficiente, uma vez que os aspectos sociais e políticos precisam ser levados em conta. Por essa razão, salientamos que o segundo aspecto característico do negacionismo científico, de acordo com Torcello (2016), corresponde à prevalência de raciocínios motivados por questões *ideológicas*. Assim, a negação da ciência estabelecida em prol de teses comprovadamente falsas atende ao fortalecimento de estratégias políticas baseadas em teorias conspiratórias.

A origem do termo “negacionismo”, introduzido por Henry Rousso (1990) para se referir a aqueles que negam a ocorrência do Holocausto, ilustra o componente ideológico e conspiratório desse posicionamento. Afinal, a negação dos assassinatos e torturas promovidos pelo regime nazista durante o período da Segunda Guerra Mundial não é motivada pela análise de novas e incontestes evidências históricas que poderiam ter surgido, mas encontra respaldo na falsificação de documentos históricos, no ataque à dignidade da população judaica e de outros grupos, bem como no descrédito de testemunhos. Dessa forma, o caráter ideológico figura de maneira evidente na base da negação do Holocausto, mas é possível que esse aspecto não esteja tão nítido em outros casos de negacionismo científico, como no terraplanismo ou, até mesmo, no negacionismo climático ou no movimento antivacinação⁸.

Para compreender essa questão, precisamos analisar a natureza das teorias conspiratórias, que usualmente são endossadas pelos negacionistas em substituição às teses

⁸ Como Matthew Slater *et al.* argumentam, o negacionismo se torna um problema fundamentalmente político na medida em que promove a diminuição da confiança em crenças que promovem valores democráticos (Slater *et al.*, 2020, p. 2).



científicas. Nesse sentido, Karl Popper define o conceito de teoria conspiratória da sociedade nos seguintes termos:

É a visão de que uma explicação para um fenômeno social consiste na descoberta dos homens ou grupos que estão interessados na ocorrência desse fenômeno (às vezes, é um interesse oculto que ainda precisa ser revelado), e que planejaram e conspiraram para trazê-lo à tona (Popper, 2013b [1945], p. 306, tradução nossa).

As teorias conspiratórias, portanto, apresentam como justificção a menção a interesses ocultos defendidos por grupos políticos poderosos, que não estariam interessados na revelação da verdade, pois isso facilitaria a manipulação social e a consecução de determinados objetivos. No caso do terraplanismo, esse raciocínio estrutura o movimento e a narrativa defendida por ele como uma contraposição (e, até mesmo, uma forma de resistência) à determinada conspiração defensora de interesses nefastos, cujas representantes seriam as instituições promotoras de conhecimento e informação: governos, instituições de ensino, órgãos de pesquisa científica, imprensa e organismos internacionais⁹. Na mesma linha de raciocínio, o aquecimento global passa a ser visto pelos negacionistas como uma invenção, criada com o intuito causar pânico e obter vantagens econômicas às custas da população (Costa, 2020).

De forma análoga, o movimento antivacina passou a compreender a pandemia de Covid-19 como uma criação do governo chinês com intuítos maléficos para as liberdades civis (COVID-19, 2020). Esse exemplo demonstra o fato de que, uma vez aceito o núcleo de uma teoria conspiratória, toda a realidade passa a ser vista a partir desse prisma, que opera como um critério de avaliação das evidências e informações que serão consideradas ou descartadas. Isto é, o movimento antivacina não nasceu durante a pandemia de Covid-19, mas ele interpretou a pandemia a partir de suas crenças conspiratórias, classificando como problemáticos e perigosos os esforços da comunidade científica no desenvolvimento de vacinas para conter o vírus, bem como as iniciativas de governos e organismos internacionais para frear o contágio, através, por exemplo, do uso de máscaras e de outras intervenções não

⁹ A descrédibilização das instituições promotoras de conhecimento e informação é uma das marcas do que ficou conhecido como *pós-verdade*. Para uma exposição introdutória sobre o conceito de pós-verdade, Cf. Cani (2022).



farmacológicas.

Até aqui, caracterizamos o negacionismo científico como uma posição que nega os consensos estabelecidos pela ciência (i) por razões independentes das práticas e metodologias científicas, (ii) com motivação ideológica, e que (iii) resulta na adesão a teorias conspiratórias. O resultado é a promoção do descrédito das instituições promotoras de ciência e informação. Agora, interessa-nos caracterizar o ceticismo, a fim de demonstrarmos de que modo o negacionismo científico e o ceticismo não merecem ser confundidos.

III

O ceticismo tem uma longa história. Se quiséssemos estabelecer uma genealogia da tradição cética, teríamos que regressar a Pirro de Élis, em 360 a.C. O Ceticismo, como outras tradições do Helenismo, a exemplo do Estoicismo e do Epicurismo, era mais do que um conjunto de teses epistemológicas ou metafísicas, uma vez que se tratava de um modo de vida (*skeptiké agogé*) que tinha como fim atingir a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*). No entanto, o nosso esforço neste artigo não é argumentar que o negacionismo não é uma forma de Ceticismo Pirrônico, Acadêmico ou de qualquer outra articulação estabelecida na Antiguidade Clássica. Se esse fosse o caso, a nossa tese seria estabelecida não somente com facilidade, mas com certo grau de obviedade. Afinal de contas, no sentido clássico, não apenas os negacionistas não seriam céticos, mas virtualmente ninguém o seria¹⁰ — excetuando-se, talvez, os monges budistas vinculados aos gimnosofistas que Pirro conheceu em suas viagens na caravana de Alexandre Magno¹¹. Danilo Marcondes caracteriza o procedimento cético em questão na obra *As Raízes da Dúvida*:

Conforme Sexto Empírico (H.P. I, cap. 4), o Ceticismo se caracterizaria, portanto, por ser um procedimento segundo o qual os filósofos, em sua busca (a *zétesis*) da verdade, se defrontariam com uma variedade de posições teóricas (o dogmatismo).

¹⁰ Esta afirmação depende do modo como interpretamos o ceticismo pirrônico, se como algo que deve se infiltrar na vida cotidiana ou como um desafio estritamente teórico. Trata-se do *problema do insulamento*. Aqui, estamos adotando a interpretação de que o ceticismo é uma *skeptiké agogé* (Marcondes, 2019, capítulo 7).

¹¹ Cf. Laërtios (2008, p. 267-279).



Essas posições estariam em conflito (*diaphonía*) por serem mutuamente excludentes, cada uma se pretendendo a única válida. Dada a ausência de critério para a decisão sobre qual a melhor teoria, já que os próprios critérios dependem das teorias, todas se encontrariam no mesmo plano, dando-se assim a *isosthenia*, ou equipolência. Diante da impossibilidade de decidir, o cético suspende o juízo (*epoché*) e, ao fazê-lo, descobre-se livre de inquietações (Marcondes, 2019, p. 29).

Apesar de não relacionarmos o cético contemporâneo ao indivíduo que busca a *ataraxia*, podemos reconhecer que o confronto com o dogmático e a realização da *epoché* — mesmo que provisoriamente — ainda são elementos distintivos da atitude cética. Precisamos ainda salientar que os dogmáticos, nas palavras de Sexto Empírico no seminal *Hipotiposes Pirrônicas*, são “aqueles que afirmam ter descoberto a verdade” (Empírico, 1997, p. 115), como seriam os casos de Aristóteles, de Epicuro e dos Estoicos. Em outras palavras, o dogmático seria aquele que afirma ou nega que uma determinada proposição seja o caso, supondo que essa proposição possa ser objeto de um conhecimento que está para além do modo como o mundo se apresenta ao nosso entendimento¹². Notamos, nesse sentido, em que medida a História da Filosofia, em função de sua tentativa de conhecer a natureza, é majoritariamente a história dos dogmatismos, ao invés da história dos ceticismos.

Essa desconfiança em relação aos dogmáticos não é fortuita, por pelo menos três razões: primeira, porque os nossos sentidos e entendimento são falíveis (como é expresso nos tropos de Enesidemo); segunda, pelo fato de que temos dificuldades em apresentar justificações para as nossas crenças sem incorrermos em arbitrariedade, circularidade ou em uma cadeia infinita de outras razões (como no trilema de Agripa); por fim, porque a equipolência entre duas ou mais teorias pode nos levar a um impasse.

No caso da equipolência, por exemplo, lemos as *Categorias* ou a *Metafísica* de Aristóteles e aceitamos a sua teoria das substâncias; porém, em seguida, lemos a crítica de David Hume e encontramos excelentes razões para acreditar que as substâncias são devaneios da imaginação. Entretanto, como podemos aceitar duas teorias que, em pontos cruciais, afirmam proposições contrárias? Como podemos tomar uma decisão dessa natureza sem incorrer em arbitrariedade, mas preservando a concepção de que somos filósofos envolvidos

¹² Essa característica, por sua vez, marca um contraste com o Ceticismo Acadêmico de Clitômaco e Carnéades, que sustentavam que não podemos apreender um mundo cuja existência independe das nossas percepções.



em uma investigação legítima sobre a natureza do mundo em que nos encontramos? Se a resposta cética é frustrante, não podemos alegar que ela seja desonesta; afinal, não podemos decidir entre uma teoria e outra, sendo a suspensão do juízo a única saída coerente, ao menos até o ponto em que a investigação nos levará a um resultado mais seguro.

Não obstante, o ceticismo contemporâneo está associado a um elemento que emergiu como um método nos primórdios da modernidade. René Descartes, nas *Meditações sobre filosofia primeira*, tornou simbiótica a relação entre o ceticismo e a *dúvida*. Nós suspendemos o juízo não apenas quando há um cenário de equipolência como o mencionado anteriormente, mas também quando não encontramos razões suficientes para acreditar que os instrumentos que estamos empregando em uma investigação sejam seguros (em termos cartesianos, infalíveis) e, portanto, não conseguem nos auxiliar a conceber ideias claras e distintas (que seriam condições necessárias para que possamos ter conhecimento).

Apesar disso, mesmo enquanto método ou procedimento, não desejamos equacionar o ceticismo a algo como a dúvida hiperbólica cartesiana. Não é preciso relegar o que nos é passado pelos cinco sentidos, supor que estamos sonhando ou, o que seria a hipótese mais radical de Descartes, suspeitar que a todo momento estamos sendo enganados por um gênio maligno¹³. Novamente, caso entendamos o ceticismo como relacionado a uma dúvida radical, ninguém será um cético — seja porque essa forma de ceticismo é implausível em termos práticos, na medida em que não deixamos de assentir a aquilo que aparece para nós; seja porque o indivíduo que adotou esse preceito foi absorvido pela própria dúvida e não conseguiu sobreviver, pois, pode ter duvidado, por exemplo, da capacidade de um fogo intenso destruir os nossos corpos, uma vez que o fogo e os corpos estejam espacialmente contíguos.

Sendo esse o caso, apresentaremos uma caracterização de um ceticismo moderado¹⁴. David Hume, na voz do personagem Cleantes, nos *Diálogos sobre a religião natural*, forneceu a caracterização que estamos procurando:

¹³ Cf. Descartes (2013, Segunda Meditação).

¹⁴ Não se trata, portanto, de uma definição, que exigiria a explicitação das condições suficientes e necessárias para que alguém seja um cético.



O que todo cético razoável preconiza é apenas rejeitar os argumentos obscuros, remotos e demasiado sutis; aderir ao senso comum e aos simples instintos da Natureza; e dar seu assentimento sempre que alguma razão o sensibilize tão fortemente que ele não possa, sem extrema violência, deixar de fazê-lo (Hume, 1992, p. 50-51).

Pretendemos enfatizar o primeiro elemento que Hume menciona. Se o cético razoável rejeita os argumentos obscuros, então ele não aceita aqueles argumentos que possuem conclusões que não são suportadas satisfatoriamente por suas premissas. Em termos mais técnicos, o cético rejeita os argumentos dedutivos incorretos (que são inválidos em sua forma; ou válidos com ao menos uma premissa falsa) e argumentos indutivos não-cogentes (que são fracos, pois têm uma conclusão que, em termos probabilísticos, não pode ser estabelecida com segurança; ou fortes, mas possuem ao menos uma premissa ou conclusão falsa). O cético se atém, portanto, a um modo rigoroso de reflexão e fornece uma atenção especial às evidências que tem à disposição para sustentar uma tese.

Até então, levando em consideração a concepção de Hume, a caracterização do cético se confunde com a de um agente racional. Mas o cético, como mencionamos, também suspende o juízo quando encontra argumentos que carecem de premissas e conclusões plausíveis. Essa é, portanto, uma proposta semelhante à do Ceticismo Clássico, pois encontramos o *eulogon* (o razoável) em Arcesilau, o *pithanon* (o plausível) e o *aperispatous* (testado e indubitável) em Carnéades, e a cura da *oiesis* (a presunção) e da *propeteia* (a precipitação) em Sexto Empírico (Marcondes, 2019, p. 30-34). O cético, portanto, não retorce a realidade para que ela se adeque às suas crenças, mas molda as suas crenças de acordo com a maneira como a realidade se apresenta.

O ceticismo que temos em mente é aquele que, nas palavras de Bertrand Russell, tem como “resultado básico [...] que a certeza desarticulada terá dado lugar à hesitação articulada” (Russell, 1940, p. 78, apud Marcondes, 2019, p. 157). É, nesse sentido, uma forma de abandonar um estado de ingenuidade epistêmica e que tem a pretensão de operar como uma espécie de “freios e contrapesos” para o avanço do conhecimento. Analisaremos, na próxima seção, em que medida o ceticismo que caracterizamos não está relacionado ao negacionismo, mas, ao contrário, faz com que o negacionismo seja uma forma de dogmatismo.



IV

À luz dos argumentos que apresentamos até aqui, seria coerente afirmar que os negacionistas climáticos são *céticos* com relação às mudanças climáticas, considerando sua postura diante dos dados apresentados pelos boletins do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)? De modo análogo, seria razoável afirmar que os ativistas antivacinação são *céticos* com relação aos efeitos das vacinas, considerando a postura de tais grupos com relação às orientações dos organismos de saúde?

Neste ponto de nossa investigação, esperamos que estejam nítidas as razões pelas quais ambas as perguntas possuem respostas negativas. Por um lado, caracterizamos o *negacionismo científico* não apenas como a negação de consensos bem estabelecidos pela comunidade científica, mas também como a adesão a teorias conspiratórias que organizam uma visão de mundo com base na descredibilização das instituições promotoras de conhecimento e informação. Por outro lado, caracterizamos o *ceticismo moderado* como uma postura que rejeita argumentos que possuem falhas importantes, sejam eles dedutivos ou indutivos, mas que assente — ainda que provisoriamente — aos argumentos sustentados por evidências confiáveis.

Apesar de os negacionistas não fazerem afirmações avulsas, mas apresentarem um conjunto de razões que dão suporte às suas crenças, as suas crenças não são candidatas ao conhecimento. Essas razões, que se multiplicam nos fóruns desregrados que ilustram a “liberdade irrestrita” que temos na internet, ao invés de se consolidarem nas revistas acadêmicas que são editoradas e avaliadas pela comunidade especializada, encontram dois desafios epistemológicos: (1) nenhuma crença falsa pode ser um caso de conhecimento. Se a Terra é redonda (e a temperatura média do planeta está aumentando paulatinamente etc.), então um negacionista não pode *saber* que a Terra é plana (e que o planeta está esfriando etc.). Ademais, (2) se uma tese negacionista eventualmente se mostrar verdadeira — embora não tenhamos em mente algum caso em que essa coincidência tenha ocorrido na história



recente das ciências —, podemos assegurar que essa circunstância seria representativa do bordão “até mesmo um relógio quebrado fornece a hora correta duas vezes por dia”.

Desse modo, sustentamos não apenas que o negacionismo científico não consiste numa forma de ceticismo, mas também que a própria comunidade científica incorpora o ceticismo razoável em suas investigações. Retomemos, primeiramente, o caso do terraplanismo. Dada a natureza inusitada de sua tese principal, torna-se evidente a sua desvinculação de qualquer postura cética. Afinal, as evidências favoráveis à afirmação de que o formato da Terra consiste num geóide são abundantes. Mesmo que a consideração de algumas dessas evidências (como imagens de satélite ou instrumentos especializados das pesquisas espaciais) exija o assentimento ao testemunho de terceiros (a saber, os membros da comunidade científica), trata-se de uma característica inerente à construção do conhecimento, visto que nenhum ser humano é capaz, sozinho, de acessar todas as evidências existentes. A postura terraplanista, portanto, carece de qualquer fundamento, não podendo ser confundida com o ceticismo.

No que se refere ao negacionismo climático, observamos um quadro análogo. Ao negar a tese de que a temperatura média da Terra se encontra em processo de aquecimento e afirmar a tese contrária, os negacionistas assumem uma postura exatamente oposta àquela defendida pelos céticos. Como dissemos, o cético moderado concede assentimento prático àquelas evidências bem fundamentadas, ainda que suspenda o juízo nos casos em que as evidências são frágeis. Por exemplo, é possível que haja divergências entre membros da comunidade científica a respeito da extensão, da intensidade, das consequências ou de outras especificidades envolvendo o processo de aquecimento da Terra. Essas possíveis divergências serão combustível para novas pesquisas que visem o avanço na compreensão geral do fenômeno. A comunidade científica, desse modo, suspenderá o juízo diante dessas especificidades, mas não colocará em dúvida o fenômeno do aquecimento global até que haja evidências qualificadas apontando nessa direção. É nesse sentido que argumentamos que o ceticismo razoável se encontra presente na prática científica.

A mesma reflexão pode ser realizada para o caso da pandemia de Covid-19,



especialmente no que se refere à defesa negacionista do uso da hidroxicloroquina para a prevenção e o tratamento da enfermidade. No início da pandemia, quando ainda não havia pesquisas sobre a eficácia do medicamento para o tratamento da Covid-19, a atitude prudente a ser tomada seria esperar as pesquisas chegarem a um termo. Uma vez que os estudos tenham sido realizados e publicados por diversos cientistas em jornais científicos reconhecidos pela comunidade, e uma vez que as pesquisas tenham indicado que o medicamento em questão não possui eficácia para a prevenção e o tratamento da Covid, o cético suspende o próprio ceticismo e recusa a tese de que funciona. Foi essa a postura adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que, diante dos resultados da ineficácia do medicamento para a finalidade citada, emitiu comunicado desaconselhando sua prescrição e priorizando pesquisas mais promissoras (OMS, 2021).

A postura cética, portanto, da maneira como a caracterizamos, aproxima-se da investigação científica. O negacionismo científico, em sentido contrário, consiste numa forma de dogmatismo, ao sustentar de modo convicto teses sem qualquer base evidencial, a não ser o fato de que elas possuem coerência com os fundamentos de teorias conspiratórias já aceitas previamente pelo sujeito. No último caso que analisamos, a saber, o da controvérsia envolvendo o uso da hidroxicloroquina para a prevenção e o tratamento de Covid-19, essa face dogmática do negacionismo científico se manifesta de modo evidente e, ao mesmo tempo, perigoso. Afinal, durante a pandemia, tornaram-se comuns os casos em que influenciadores digitais e lideranças políticas promoveram a utilização da hidroxicloroquina — e demais medicamentos que compunham o chamado “kit Covid” — ao mesmo tempo em que criticavam as medidas de combate ao vírus, especialmente as intervenções não farmacológicas, como o uso de máscaras e a adoção de distanciamento social (Guerra, 2021).

Tudo isso aponta para a relevância social da presente investigação, uma vez que a adoção de posturas negacionistas — e, portanto, dogmáticas — por parte de governos, organismos de imprensa ou influenciadores pode ter como resultado o agravamento de crises sanitárias, como no caso da pandemia de Covid-19, bem como a desmobilização de ações de enfrentamento à crise climática. Nesse sentido, a adoção de certo *ceticismo terapêutico*, nos



moldes do que propunha Sexto Empírico, seria extremamente bem-vinda nesse contexto. Por meio dessa forma de ceticismo, o filósofo esperava curar os pacientes dos efeitos perniciosos do dogmatismo, que impede a revisão de opiniões e crenças que carecem de evidências robustas. Os males que Sexto Empírico procurava extirpar consistiam na *oiesis*, caracterizada como uma espécie de presunção, isto é, de supor saber mais do que aquilo que se sabe, e a *propeteia*, pensada como uma forma de precipitação, isto é, fazer afirmações de modo apressado, sem que haja base evidencial e lógica suficiente.

Diante do exposto, esperamos ter demonstrado que o negacionismo — e o negacionismo científico, de modo particular — não se qualifica como uma forma de ceticismo. Antes, o negacionismo corresponde a uma forma de *dogmatismo conspiratório*, tendo em vista que a negação dos fatos, das evidências e das teorias científicas é mediada pela adesão a teorias conspiratórias que atendem a determinados propósitos ideológicos.

V. REFERÊNCIAS

BEHIND the Curve. Direção de Daniel J. Clark. Los Angeles: Delta-v Productions, 2018. Vídeo digital (95 minutos). Documentário exibido pela Netflix. Acesso em: 12 mar. 2022.

BERTOTTI, Thalyta Gonçalves. Como lidar com a popularização do terraplanismo? Uma proposta a partir da filosofia da ciência de Susan Haack. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 196-207, 2020.

BUTANTAN. A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde. *Portal do Butantan*. São Paulo. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CANI, Renato Cesar. Um mergulho na pós-verdade: terraplanismo e outras conspirações. In: COSTA, Thiago *et al.* *Dimensões do pensamento: estudos em educação, política, ciência e arte* – Volume 1. Curitiba: Bagai, 2022, p. 129-148.

COSTA, Alexandre Araújo. Ceticismo e negação. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 14, p. 82-91, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/ceticismo-e-negacao/>. Acesso em: 12 mar. 2023.



COVID-19: Ernesto Araújo denuncia ‘comunavírus’ e ataca OMS. *O Globo*, 22 abr. 2020. Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/covid-19-ernesto-araujo-denuncia-comunavirus-ataca-oms-24387155>. Acesso em: 12 mar. 2023.

DANOWSKI, Deborah. *Negacionismos*. São Paulo: N-1 edições, 2020.

DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. Tradução: Fausto Castilho. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

DIETHELM, Pascal & MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? *European Journal of Public Health*, v. 9, n. 1, p. 2-4, 2009.

EMPÍRICO, Sexto. Hipotiposes Pirrônicas Livro I (tradução de Danilo Marcondes). *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 9, n. 12, p. 115-122, jun. 1997. ISSN 0104-6675. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/130>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GUERRA, Rayanderson. Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases. *O Globo*, 20 mai. 2021. Política. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>. Acesso em: 12 mar. 2023.

HUME, David. *Diálogos sobre a religião natural*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KAHN-HARRIS, Keith. Denialism: what drives people to reject the truth. *The Guardian*, 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/aug/03/denialism-what-drives-people-to-reject-the-truth>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.

MARCONDES, Danilo. *Raízes da dúvida: ceticismo e filosofia moderna*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2019.

MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da COVID-19 e educação popular em saúde:



para além da necropolítica. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, epub, 2021.

OMS desaconselha fortemente o uso de hidroxicloroquina para prevenir a Covid. *Jornal Nacional*, 1º mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/01/oms-desaconselha-fortemente-o-uso-de-hidroxicloroquina-para-prevenir-a-covid.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ORESQUES, N.; CONWAY, E. *Merchants of doubt*. London: Bloomsbury Press, 2010.

PERINI-SANTOS, Ernesto. Desinformação, negacionismo e pandemia. *Filosofia Unisinos*, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2022.

POPPER, Karl. *The open society and its enemies*. (New One-Volume Edition). Princeton: Princeton University Press, 2013b [1945].

ROUSSO, Henry. *Le syndrome de Vichy*. Paris: Points Seuil, 1990.

RUSSELL, Bertrand. *An inquiry into meaning and truth*. Londres: Routledge, 1940.

SCHMID, Philipp & BETSCH, Cornelia. Effective strategies for rebutting science denialism in public discussions. *Nature Human Behavior*, v. 3, p. 931-939, 2019.

SHERMER, Michael. *Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas?* Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: JSN Editora, 2011.

SLATER, Matthew; HUXSTER, Joanna; BRESTICKER, Julia; LOPICCOLO, Victor. Denialism as Applied Skepticism: Philosophical and Empirical Considerations. *Erkenntnis*, v. 85, p. 871–890, 2020.

TORCELLO, Lawrence. The ethics of belief, cognition, and climate change pseudoskepticism: implications for public discourse. *Topics in Cognitive Science*, v. 8, p. 19-4, 2016.

